



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

DARLIANE ARAÚJO DE SOUZA

**DESAFIOS DO PEDAGOGO EM AMBIENTE HOSPITALAR:
Concepções dos acadêmicos de Pedagogia da Faculdade de
Itaituba**

DARLIANE ARAÚJO DE SOUZA

**DESAFIOS DO PEDAGOGO EM AMBIENTE HOSPITALAR:
Concepções dos acadêmicos de Pedagogia da Faculdade de
Itaituba**

Monografia de Graduação apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba, para obtenção do título de Licenciada Plena em Pedagogia.

Orientadora:

Prof^a Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Ma.

ITAITUBA – PA
2020

SOUZA, Darliane Araújo.

DESAFIOS DO PEDAGOGO EM AMBIENTE HOSPITALAR: Concepções dos acadêmicos de Pedagogia da Faculdade de Itaituba / DARLIANE ARAÚJO DE SOUZA - Itaituba: CLPP da FAI, 2020.

54 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2020.

Orientadora: Prof^a Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Ma.

1. Curso de Pedagogia. 2. Pedagogia Hospitalar. I. RIBEIRO, Elina. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR-PA, 2020.

DARLIANE ARAÚJO DE SOUZA

**DESAFIOS DO PEDAGOGO EM AMBIENTE HOSPITALAR:
Concepções dos acadêmicos de Pedagogia da Faculdade de
Itaituba**

Monografia de Graduação apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba, para obtenção do título de Licenciada Plena em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora/Presidente: _____ Nota: _____

Prof^a Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Ma.

Avaliador 1: _____ Nota: _____

Prof. Francisco Cláudio de Sousa Silva, Dr.

Avaliador 2: _____ Nota: _____

Prof. Raimundo Reis de Almeida, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA, 18 de abril de 2020.

Primeiramente ao meu Deus todo poderoso, que me deu o dom da vida e sempre me protegeu; a minha filha, Maria Heloysa de Souza Bentes. Dedico essa grande conquista em minha vida!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus**, que permitiu que tudo isso acontecesse, por ser essencial na minha vida, sendo o meu maior mestre, me dando saúde e força para superar as dificuldades nesta caminhada.

A minha família, em especial meu esposo, **Fabio Bentes Barbosa**, e ao meu pai, **José Maria de Souza** que um dia sonharam junto comigo esse momento e colocaram na minha mente que seria possível, me deram condições financeira e psicológica para alcançar este sonho tão almejado. Agradeço ao meu esposo, pela compreensão, por entender que a ausência era necessária para a construção de um futuro melhor, a minha filha, que mesmo sem entender me dava a maior força para continuar, mesmo nos momentos difíceis, pois foram esses, que me tornaram mais forte. Ao meu pai, pelas vezes em que tirei sua privacidade por questões de eu morar longe acabei tomando de conta da casa dele. O meu muito obrigada!

A meus irmãos, que mesmo distantes pareciam presentes em alguns momentos, pelo amor e apoio. Aos demais familiares, mãe, avós, sogra, a minha sobrinha; as minhas tias e tios, primos e primas, pelas vibrações positivas.

A minha orientadora, Professora Mestra **Elina Ribeiro**, pelo empenho dedicado na elaboração deste trabalho, suas orientações foram muito importantes para a conclusão do mesmo.

A todos os professores e professoras que colaboraram com o meu conhecimento intelectual e profissional, pela paciência de nos ensinar e nos acompanhar esses quatro anos, o meu sincero agradecimento a esses profissionais.

Aos amigos **Eliete Cunha**, **Franciane Nascimento**, **Poliana Gomes**, e **Jailson da Conceição**, amigos esses que moram no meu coração companheiros de trabalho e irmão na amizade que fizeram parte da minha formação e vão continuar presentes em minha vida. Aos colegas de turma pela satisfação de conhecê-los pelas brigas na sala de aula, mas sempre prevalecendo o respeito e a compreensão acima de tudo.

A todos os colaboradores desta pesquisa e acadêmicos da faculdade de Itaituba-Pará, muito obrigada!

Deleita-te também no senhor, e ele te concederá o que deseja o teu coração. Entrega o teu caminho ao senhor; confia nele, e ele tudo fará. (Salmos, 37: 4, 5).

RESUMO

O Curso de Pedagogia proporciona o vasto conhecimento para o profissional da educação, portanto, abre um leque de possibilidades para exercer o trabalho pedagógico como um todo, dentre eles inclui-se a pedagogia hospitalar, além da docência, coordenação pedagógica e gestão no contexto escolar. Evidenciando a pedagogia hospitalar e suas características, o pedagogo neste espaço, tem papel fundamental dentro da educação, pois tem como finalidade acompanhar a criança ou adolescente no período de ausência escolar. Nos hospitais há crianças e adolescentes internados com enfermidades que muitas vezes perdem o ano letivo por permanecerem acamados. O pedagogo, neste caso, precisa ter um planejamento estruturado e flexível e ainda acompanhar a trajetória escolar do aluno. O ambiente da classe hospitalar deve ser acolhedor, um espaço pedagógico alegre e aconchegante fazendo com que a criança ou adolescente enfermo melhore emocional, mental e fisicamente. Nesse contexto, este estudo teve como objetivo analisar a atuação do pedagogo em ambiente hospitalar, seus desafios, limites e possibilidades a partir da concepção dos acadêmicos de Pedagogia da Faculdade de Itaituba/PA. Este estudo está fundamentado nas referências bibliográficas que discutem os desafios do pedagogo e a história da Pedagogia hospitalar, tais como: Aranha (2006), Bruno (2014), Fontes (2008), Vasconcelos (2006), Ceccim (1997), Silva e Farago (2014). Na pesquisa de campo utilizou-se de questionário com treze acadêmicos do Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba-FAI. A partir da análise dos questionários, pode-se concluir que, é fundamental a presença do pedagogo na classe hospitalar, tendo em vista que este profissional atua como mediador no processo de ensino e aprendizagem da criança ou adolescente hospitalizado, no entanto, os entrevistados ressaltam que é preciso estar preparado para exercer essa função.

Palavras-Chave: Educação. Saúde. Pedagogia Hospitalar. Atuação do pedagogo.

ABSTRACT

The Pedagogy Course provides the vast knowledge for the education professional, therefore, it opens up a range of possibilities to carry out the pedagogical work as a whole, including hospital pedagogy, in addition to teaching, pedagogical coordination and management in the school context . By highlighting hospital pedagogy and its characteristics, the pedagogue in this space has a fundamental role within education, as it aims to accompany the child or adolescent during the period of absence from school. In hospitals there are children and adolescents hospitalized with illnesses who often miss the school year because they are bedridden. The pedagogue, in this case, needs to have a structured and flexible planning and still follow the student's school trajectory. The hospital class environment should be welcoming, a cheerful and cozy educational space, making the sick child or adolescent better emotionally, mentally and physically. In this context, this study aimed to analyze the role of the educator in the hospital environment, its challenges, limits and possibilities based on the conception of the Pedagogy students of the Faculty of Itaituba / PA. This study is based on bibliographic references that discuss the challenges of the pedagogue and the history of hospital Pedagogy, such as: Aranha (2006), Bruno (2014), Fontes (2008), Vasconcelos (2006), Ceccim (1997), Silva e Farago (2014). In the field research, a questionnaire was used with thirteen students from the Pedagogy Course at Faculdade de Itaituba-FAI. From the analysis of the questionnaires, it can be concluded that, the presence of the pedagogue in the hospital class is fundamental, considering that this professional acts as a mediator in the teaching and learning process of the hospitalized child or adolescent, however, the interviewees emphasize what is needed is prepared to perform this function.

Keywords: Education. Health. Hospital Pedagogy. Performance of the pedagogue.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Perfis dos entrevistados.....	38
Quadro 2. Possui perfil para atuar na Pedagogia Hospitalar?.....	41
Quadro 3. Você acredita ser necessário mais capacitação para atuar em classe hospitalar?.....	42
Quadro 4. Você se sente preparado, atuar em um ambiente hospitalar?.....	43
Quadro 5. A área da Pedagogia Hospitalar deveria ser mais explorada e estudada?.....	44
Quadro 6. Você julga importante a atuação do pedagogo em ambiente hospitalar?.....	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 PEDAGOGIA EM AMBIENTE NÃO ESCOLAR	12
1.1 EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO FORMAL E INFORMAL	12
1.2 FORMAÇÃO DO PEDADOGO: HISTÓRIA E LEGISLAÇÃO	16
1.3 A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E SAÚDE	21
2 O PEDAGOGO E SUA ATUAÇÃO NO AMBIENTE HOSPITALAR	27
2.1 PEDAGOGIA HOSPITALAR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	27
2.2 ATRIBUIÇÕES DO PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR	31
2.3 DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO CONTEXTO HOSPITALAR	34
3 DESAFIOS DO PEDAGOGO EM AMBIENTE HOSPITALAR: CONCEPÇÕES DOS ACADÊMICOS DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE ITAITUBA	38
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
3.2 CARACTERIZAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FAI	39
3.3 CONCEPÇÕES DOS ACADÊMICOS	411
3.4 SUGESTÕES	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICE	53

INTRODUÇÃO

O Curso de Pedagogia proporciona o vasto conhecimento para o profissional da educação, portanto, abre um leque de possibilidades para exercer o trabalho pedagógico como um todo, dentre eles inclui-se a pedagogia social, empresarial e hospitalar, além da docência, coordenação pedagógica e gestão no contexto escolar.

Evidenciando a pedagogia hospitalar e suas características, o pedagogo neste espaço, tem papel fundamental dentro da educação, pois tem como finalidade acompanhar a criança ou adolescente no período de ausência escolar. Nos hospitais há crianças e adolescentes internados com enfermidades que muitas vezes perdem o ano letivo por permanecerem acamados.

Portanto, o pedagogo atuante em hospitais ainda é difícil encontrar, pois muitos hospitais não contam com o serviço pedagógico e ainda não compreenderam a necessidade desse profissional. A partir desse desconhecimento é que gera a marginalização, o preconceito e até o *bulying* de crianças enfermas. Contudo, a classe hospitalar precisa oferecer à criança a vivência escolar.

O pedagogo, neste caso, precisa ter um planejamento estruturado e flexível e ainda acompanhar a trajetória escolar do aluno. O ambiente da classe hospitalar deve ser acolhedor, um espaço pedagógico alegre e aconchegante fazendo com que a criança ou adolescente enfermo melhore emocional, mental e fisicamente.

Nesse contexto, este estudo teve como objetivo analisar a atuação do pedagogo em ambiente hospitalar, seus desafios, limites e possibilidades a partir da concepção dos acadêmicos de Pedagogia da Faculdade de Itaituba/PA. Por tanto, valeu-se de três questões que direcionaram a pesquisa realizada, em que procurou-se saber: Os acadêmicos se identificam com a Pedagogia Hospitalar? O Curso de Pedagogia prepara para a atuação no ambiente hospitalar? Qual a importância do pedagogo no ambiente hospitalar na concepção dos acadêmicos de Pedagogia?

Este estudo está fundamentado nas referências bibliográficas que discutem o papel do pedagogo em ambiente hospitalar, a história da pedagogia hospitalar, tais como: Aranha (2006), Bruno (2014), Fontes (2008), Vasconcelos (2006), Ceccim (1997), Silva e Farago (2014). Na pesquisa de campo utilizou-se de questionário com treze acadêmicos do Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba-FAI.

Este Trabalho de Conclusão de Curso está estruturado em três capítulos, em que o capítulo 1 aborda as concepções da pedagogia em ambientes não escolares, com ênfase para a pedagogia hospitalar, conceitua e diferencia educação formal, não formal e informal. Neste capítulo ainda é tratado da formação do pedagogo quanto aos aspectos legais e a relação entre educação e saúde.

No capítulo 2 discorre-se sobre o pedagogo e sua atuação no ambiente hospitalar, trata das atribuições do pedagogo neste ambiente, assim como seus desafios e possibilidades no contexto hospitalar. O capítulo 3 por sua vez, discute os resultados das análises dos dados coletados.

1 PEDAGOGIA EM AMBIENTE NÃO ESCOLAR

1.1 EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO FORMAL E INFORMAL

A Educação em suas mais diferentes formas define e molda o ser humano em diferentes eixos, ela ocorre formalmente no ambiente preparado para acontecer e também ocorre de forma informal e não formal, através de vários aspectos. É importante definir e diferenciar esses termos da educação para que haja uma compreensão de cada uma delas.

Bruno (2014) ressalta que a educação é abrangente e possibilita múltiplas e variadas discussões sobre a tipologia das modalidades educativas formal, não formal e informal”; bem como o questionamento sobre a sua adequação na reflexão sobre a amplitude dos processos educativos existentes, ou até mesmo ao surgimento de propostas que se demarcam da trilogia.

De acordo com Biesdorf (2011), a educação informal sempre ocupou um papel fundamental na sociedade, é ela que norteia o bom relacionamento entre os indivíduos. Já a educação formal, possui a função de preparar o educando para atuar efetivamente junto à sociedade, para tanto oferece o conhecimento científico.

Qualquer que seja o tipo de educação realizada busca repassar e proporcionar aos indivíduos conhecimentos e comportamentos que os tornem aptos a atuarem em todos os setores da sociedade. A educação informal e não formal ocorre de forma natural na sociedade em que ela é empregada.

A educação formal é a educação que se desenvolve na escola. Ela contém espaços, objetivos, cronogramas e planejamentos determinados para que a mesma aconteça, ou seja, é a educação onde se tem um espaço para ela, aquela que se aprende dentro da sala de aula, é transmitida por profissionais competentes e com objetivos claros. O mediador de construção do saber na educação formal é o professor.

A educação informal por sua vez se caracteriza por não haver intenção ou organização, mas casual e empírica, ela ocorre a partir das vivências de modo espontâneo. É aquela adquirida na família e no convívio em sociedade, ou seja, no meio social, é aquela em que se aprende a ter respeito aos outros, a ter boas maneiras, a conviver com a sociedade, a fazer tarefas básicas dentre outras nas

aprendizagens. Os responsáveis por esta educação são os pais, familiares, vizinhos, amigos, comunidade e sociedade em geral.

Aguiar (2011) ressalta que a educação se trata de um fenômeno de várias facetas, que ocorre nos mais distintos lugares, institucionalizados ou não. É uma forma de ensino e aprendizagem que acontece ao longo da vida do cidadão, pelas leituras que realiza e pelas relações que estabelece. Já a educação escolar, acontece no espaço da educação formal, institucionalizada, contendo um lugar apropriado para que ela aconteça.

A Educação formal é totalmente estruturada, ela se obtém nas escolas, cujo cursos são reconhecidos pelos órgãos oficiais do governo, além de ter uma obrigatoriedade em currículo, disciplinas, cronograma, planos de curso dentre outras formas e tudo isto é comprovado através de certificados e diplomas. É baseada na transferência de conhecimento através da comunicação, com ambiente apropriado para que ela se desenvolva.

Já a educação informal é baseada na aquisição de conhecimento através de estudos e experimentações automotivadas se desenvolvendo com a passagem de conhecimentos básicos de vivência humana e também na convivência na sociedade em que o indivíduo está inserida.

Faz-se necessário, no entanto, a distinção entre as duas modalidades existentes de educação intencional: a não formal e a formal. A primeira refere-se àquela atividade definida pelo caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando relações pedagógicas, mas não formalizadas. Já a educação formal é aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática.

Entretanto, não significa dizer que não ocorra educação formal em outros tipos de educação intencional, ou seja, onde haja o ensino (escolar ou não) há educação formal, desde que nelas estejam presentes a sistematicidade, a intencionalidade e aspectos que caracterizam um trabalho didático pedagógico, ainda que desenvolvidas fora do ambiente escolar, propriamente dito.

Simplificando a definição de educação formal, não formal e informal, a partir da estrutura da educação, a educação formal é o ensino regular onde ocorre a mediação do educador, a não formal a todos os processos educativos estruturados e intencionais que ocorrem fora da escola como grupos de estudos entre outros e a

informal às aprendizagens realizadas no convívio com a sociedade como a família, os amigos, a igreja e etc.

Quanto à educação formal e não formal Aguiar (2011) ressalta que elas devem se complementar e trabalhar em conjunto. Cada campo, no seu espaço, deve desempenhar suas atividades para atender suas finalidades específicas, sobretudo, a formação integral do ser humano, viabilizando meios para que tenha qualidade de vida.

A educação formal é aquela que acontece num espaço organizado, ou seja, no espaço escolar convencional, com conteúdos previamente demarcados, com currículo predeterminado, enfim, constitui-se num espaço sistematizado e destinado para realização de atividade educativa. Para elucidar melhor, o território da educação formal é a escola, pois são instituições certificadoras, regulamentadas por lei e organizadas segundo diretrizes nacionais (AGUIAR, 2011, p. 16).

Entende-se a partir daí que a educação formal ocorre dentro da escola que é um ambiente propriamente preparado para que ela de fato aconteça. E que precisa-se de um mediador que é o professor com sua formação apropriada, com planejamentos e cronogramas definidos. Então, a educação não formal ocorre em outros ambientes que não são na escola e sim, em outras instituições preparadas ou não para que ela ocorra. E a informal por sua vez ocorre no meio social sendo ele no meio familiar ou na sociedade em geral.

Biesdorf (2011) diz que a família é a principal instituição responsável pela educação informal, através da qual são ensinados os costumes humanos como falar, andar, comer, religião, cultura.

A educação é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de toda a sociedade. Desta forma, percebe-se a educação como um requisito para o homem ser aceito em um grupo. Seus costumes e valores devem estar de acordo com os do grupo sendo sempre moldado pelo seu primeiro grupo social que é a família depois as outras vertentes da sociedade.

No âmbito da educação informal o agente do processo de construção do saber situa-se nas redes familiares e pessoais, ou nos meios de comunicação. Aqui os espaços educativos não estão delimitados e são fortemente marcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, gênero, religião, etnia, marcados pela espontaneidade dos ambientes, onde as relações sociais se definem segundo gostos, preferências ou pertencimentos herdados [...] (BRUNO, 2014, p. 14).

Observa-se que a educação informal ela é de âmbito social pois ela é formada a partir do convívio em sociedade e que a primeira instituição social deste convívio é a família e na educação informal que o indivíduo aprende como conviver em sociedade, caráter e etc. A educação informal está vinculada ao processo de socialização dos indivíduos, e, neste sentido, o ser humano desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar segundo valores e crenças do grupo a que se pertence ou se frequenta. Diferenciando assim dos dois termos de educação.

De acordo com Bruno (2014) equacionando a totalidade da educação a partir da trilogia formal, não formal e informal levanta algumas questões. Nem sempre os contrastes são claros, ou mutuamente exclusivos, as marcas predominantes desta ou daquela modalidade se entrecruzam de diferentes formas com a diversificação dos processos educativos, que abrangem uma diversidade de práticas, atores, modelos e lógicas de ação.

Então, para cada proposta de delimitação existirá sempre uma evidência prática que a colocará em questão. E, desta forma, importa também recuperar para esta discussão os atravessamentos e contaminações existentes na prática educativa.

A família é responsável pela educação informal, na qual são ensinados os costumes humanos e familiares, como falar, andar, comer, religião, cultura. Já a escola seria a instituição responsável pela educação formal, local em que seriam construídos os conhecimentos científicos, e está ainda tem a função de oferecer uma formação onde o ser torne-se capaz de fazer análises científicas, críticas e reflexivas a respeito dos temas.

E a educação não formal é aquela que ocorre em locais que não estão associados ao escolar e sim a construção social dos indivíduos. O ensino formal encontra um educando considerado livre para expressar-se, porém, este não usa esta liberdade, e não se entusiasma em procurar conhecimento, já que fica esperando apenas que o educador lhe repasse a informação (BIESDORF, 2011).

Sintetiza-se então que a educação formal é baseada na transferência de conhecimento através da comunicação que é mediada pelo professor dentro da escola. Já a educação informal é baseada na aquisição de conhecimento através de estudos e experimentações auto motivadas, ou seja, no convívio social. E a educação não formal a cidadania é o objetivo principal, e ela é pensada em termos

coletivos, se dá por meio da prática social. A educação não formal caracteriza-se por não ter a importação em desenvolver um currículo predefinido ela é baseada e termos fora do ambiente escolar em grupos como associações, sindicatos dentre outros lugares fora do ambiente escolar.

Contudo, Bruno (2014) destaca que a complementaridade e a harmonização entre educação formal e não formal, defendendo a importância da educação não formal, não por oposição à educação formal, mas como meio de possibilitar modos alternativos de aprendizagem e contribuir para uma melhor integração entre educação e direitos humanos. E a educação informal como um complemento de construção social.

1.2 FORMAÇÃO DO PEDADOGO: HISTÓRIA E LEGISLAÇÃO

Na contextualização da história da Pedagogia pode-se identificar que teve seu início no século V na Grécia quando as explicações religiosas deixam de ser a única resposta para as indagações existentes. Aranha (2006) vem discorrer afirmando que o pensamento crítico junto da razão, nesse contexto buscam responder as inquietações tomando por base o real e não mais explicações divinas.

Etimologicamente falando, o termo Pedagogo tem sua origem na palavra *paidagogos*, que nomeava inicialmente o escravo que conduzia a criança. Com o passar do tempo o sentido do conceito ampliou-se para designar toda teoria sobre educação. Conforme Aranha (2006), os gregos esboçaram as primeiras linhas conscientes da ação pedagógica e assim influenciaram por séculos a cultura ocidental.

No Brasil colonial, época das grandes navegações, período em que ocorria a expansão da economia, conquistas de novas terras e riquezas, em que se implantava a filosofia cristã, através do trabalho de evangelização de padres jesuítas, cujo objetivo era difundir a ideologia cristã, e trazendo com isso os novos costumes, para uma população que já era habitante das terras então descobertas pelos portugueses. Ghiraldelli Jr. (2006, p. 25) entende que, “a experiência pedagógica da igreja sintetizou-se em um conjunto de normas e estratégias chamado de *Ratio Studiorum* (ordem de Estudos)”, pois seu objetivo era formar o homem cristão.

No período Imperial, a educação continua sem ser priorizada, não havia preocupação e ou necessidade de um método pedagógico específico. Souza *et al* (2006, p. 03), assim aponta de forma sucinta aspectos da educação no período: “mas mesmo com este descaso pela educação o governo criou a Escola Normal de Niterói (1835) com o objetivo de formar professores que pudessem repassar os conteúdos escolares por meio do método lancasteriano do ensino mútuo”.

Nesse contexto, o Brasil não tinha uma pedagogia nacional e por isso baseava seus projetos nos pensamentos e ideias dos europeus e norte-americanos, desta forma conseguiam fazer escolas e desenvolver projetos.

Com a proclamação da república em 1889 até a Nova República e, 1985 a construção teórica que fundamenta a Pedagogia passou por várias transformações, tendo sinalizado para os avanços ocorridos a nível de legislação, que ao longo das décadas vem traçando novos rumos rompendo com estruturas defasados, e ampliando conhecimento, no que se refere ao ensino e a pesquisa, legitimando direitos e assegurando o acesso à educação como direito social.

Desse modo, o cenário brasileiro educacional aponta com as transformações ocorridas no início do século XX, e o novo ideário proposto por Paulo Freire:

O movimento da Escola Nova na década 1920 e 1930 trouxe bastante discussão em torno deste ideário expresso no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova que contou com a participação de 26 educadores entre eles Fernando Azevedo e Anísio Teixeira. Outros educadores também contribuíram para a construção do campo pedagógico no Brasil, no entanto, Paulo Freire com sua pedagogia progressista deixou um grande legado para o país, pois seu método contribui até hoje para alfabetizar aqueles excluídos do acesso à educação (ARANHA, 2006, p. 34).

Conforme já citado na contextualização histórica da Pedagogia no Brasil é importante ressaltar, que, apesar de existir o curso a Escola Normal no Brasil em 1835, não havia sido criado de fato o curso de Pedagogia no país, a criação do curso ocorreu somente em 1939.

O curso de Pedagogia foi instituído entre nós por ocasião da organização da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, através do Decreto-lei nº 1190 de 4 de abril de 1939. Visando a dupla função de formar bacharéis e licenciados para várias áreas inclusive para o setor pedagógico De acordo com a própria criação, o curso de Pedagogia no Brasil já revelava muitos problemas que o acompanham ao longo do tempo, considerando que de início o curso de Pedagogia formava bacharéis e licenciados, num esquema que passou a ser conhecido como “3+1”, ou seja, 3 anos de bacharelado e 1 de licenciatura.[...] Desta forma podemos

entender o que Pedagogo não sabia de fato como atuar na educação, pois o currículo não era bastante claro para o seu papel. (SILVA, 1999, p. 34).

As discussões acerca do Pedagogo e de suas atribuições passam a ser discutidas entre a categoria e demais segmentos voltados para a educação, e passam a definir a identidade tanto do Pedagogo como da Pedagogia. Dessa forma, Libâneo (2001), caracteriza o Pedagogo como o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação ativa dos saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana definidos em sua contextualização histórica.

Por sua vez, a Pedagogia seria caracterizada como: “uma reflexão sobre as finalidades da educação e uma análise objetiva de suas condições de existência e de funcionamento”, ou seja, a pedagogia está em estrita relação com a prática educativa que constitui seu campo de reflexão e de análise, sem, contudo, confundir-se com ela.

A Pedagogia é um campo de estudos com identidade e problemáticas próprias, e seu objeto de estudo compreende os elementos da ação educativa e sua contextualização, ou seja, sujeito que se educa, educador, saberes e o contexto em que ocorre, e o pedagogo é o profissional responsável por essa prática educativa em suas várias modalidades e manifestações. [...] o curso de Pedagogia se constitui no único curso de graduação onde se realiza a análise crítica e contextualizada da educação e do ensino enquanto práxis social, formando o pedagogo, com formação teórica, científica e técnica com vistas ao aprofundamento na teoria pedagógica, na pesquisa educacional e no exercício de atividades pedagógicas específicas (FRANCO, 2008, p. 149).

Nesse contexto, percebe-se que o pedagogo é um profissional que busca educador seu público alvo, utilizando várias maneiras para poder alcançar os objetivos na sua prática educativa, refletindo sobre sua atuação. E o curso de pedagogia proporciona esse momento para que o profissional se aprofunde nas atividades pedagógicas específicas de ensino e educação contextualizados com a práxis social.

Ao adentrarmos no âmbito da Legislação nesse estudo, é importante apontarmos os avanços ou retrocessos ocorridos nas legislações quanto à formação do pedagogo, contextualizando esse processo histórico:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996) é um instrumento que tem a função de regular os direitos e deveres de um sistema educacional. Tem consonância com a Constituição Federal Brasileira de 1988.

Os artigos 62 e 64 tratam da formação dos docentes.

- Art. 62 - A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.
- Art. 64 - A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional. (BRASIL, 2018, p. 41, 43).

Conforme assinalam Adrião e Oliveira (2001), apesar da promulgação da última Constituição ter acontecido no ano de 1988, só tivemos a elaboração da nova LDB concluída em 20 de dezembro de 1996, após vários debates. Ela é considerada a mais importante das leis brasileiras que se refere à educação. Em seu conteúdo, tem um perfil de gestão democrática, do direito universal à educação e progressiva autonomia pedagógica administrativa.

A Resolução CNE/CP Nº1 de maio de 2006, institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia. Os princípios desta Resolução estão implícitos nos artigos 2º e 4º, a seguir destacados:

Art. 2º As Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia aplicam-se à formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. [...]

§ 2º O curso de Pedagogia, por meio de estudos teórico-práticos, investigação e reflexão crítica, propiciará:

I - o planejamento, execução e avaliação de atividades educativas;

II - a aplicação ao campo da educação, de contribuições, entre outras, de conhecimentos como o filosófico, o histórico, o antropológico, o ambiental-ecológico, o psicológico, o lingüístico, o sociológico, o político, o econômico, o cultural. [...]

Art. 4º O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos (BRASIL, 2006).

Essa norma veio para enfatizar os campos que o pedagogo deve atuar, bem como o planejamento e aplicação de seus conhecimentos nos ramos educativos. No qual o curso é destinado para formar educadores que atuem na educação básica e também na área de apoio pedagógico.

Atualmente, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC é um documento técnico que define as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo da Educação Básica. A proposta da BNCC é de elaborar um documento para ajudar a diminuir as desigualdades de aprendizado pelo país.

Desse modo, define competências, direitos e aprendizagens essenciais para todos os alunos em cada etapa da Educação Básica, colabora para garantir direitos iguais de aprendizagem para todos os alunos do Brasil independentemente de onde estudam ou onde moram. A BNCC tem base legal na Constituição Federal de 1988, e é regulamentada através da LDB de 1996 e no Plano Nacional de Educação - PNE.

Para os professores, este documento é um instrumento fundamental para a prática em sala de aula. Para os pais, traz transparência ao que seus filhos devem aprender. Prevista no Plano Nacional de Educação, a BNCC é uma política de estado que foi construída entre 2015 e 2017 com a colaboração de toda a sociedade - de educadores a especialistas, passando por secretarias de educação e organizações da sociedade civil. Em dezembro de 2017, foi homologada pelo MEC e está agora em processo de implementação em todas as redes do país.

Entretanto, para que de fato haja mudanças substanciais na formação do aluno, é válido refletir sobre a importância da formação docente. Dessa forma, foi promulgada em 20 de dezembro de 2019, a BNC – Formação de Professores, por meio da Resolução Nº 2/2019 que, define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica.

O artigo 22 da supracitada Resolução normatiza a formação para atividades pedagógicas e de gestão, e evidencia a atuação do Pedagogo no setor de Administração, Planejamento, Inspeção, Supervisão e Orientação Educacional para a Educação Básica.

I - cursos de graduação em Pedagogia com aprofundamento de estudos nas áreas de que trata o caput e que possuam uma carga horária mínima de 3.600 (três mil e seiscentas) horas; e

§ 1º O aprofundamento de estudos de que trata o inciso I será correspondente a 400 (quatrocentas) horas adicionais às 3.200 (três mil e duzentas) horas previstas para o curso de Pedagogia (BRASIL, 2019).

Portanto, o documento também propõe mudanças no tempo da formação inicial para a pedagogia. A intenção é que, nos quatro anos de curso, sejam dois anos de formação comum e um ano de aprofundamento para cada etapa da educação a que o professor queira se dedicar em sua carreira. Também está prevista a possibilidade de cursar mais um ano de especialização com foco em gestão escolar e outro de mestrado.

Conforme Yoshida (2018, p. 01), esse cenário de mudanças, o documento da Base Nacional Comum (BNC – Formação) traz dez princípios para a formação docente, dentre eles, estão os que possibilitam:

- Compreender e utilizar os conhecimentos historicamente construídos para poder ensinar a realidade com engajamento na aprendizagem do aluno e na sua própria aprendizagem colaborando para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva; Utilizar diferentes linguagens; [...]

Portanto, a BNC propõe que o professor utilize linguagens que se enquadra com a de seus alunos com adequação ao padrão de vida de seus alunos, pois não adianta um professor utilizar uma linguagem culta, sendo que seus alunos fazem o uso da linguagem coloquial.

1.3 A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E SAÚDE

A relação entre educação e saúde tem no final do século XIX e início do século XX como um momento histórico significativo. Tratava-se de um momento importante na construção de concepções e práticas de educação e saúde, tendo como base a Higiene. Higiene era uma temática da ideologia liberal, passa a ser vista enquanto uma política pública, naquele período da história era um campo do conhecimento que se articulava, produzindo uma forma de conceber, explicar e intervir sobre os problemas de saúde. Conforme Arouca (2003), a higiene acaba por reduzir a aplicação de medidas higiênicas a solução dos problemas de saúde, que se constituem a partir das condições de existência.

Nesse período histórico trazemos como destaque a filosofia da educação de John Dewey. Este pensador vem dar ênfase a primazia das características dos

indivíduos para o desenvolvimento do processo educativo, e ainda considera que a construção dos hábitos vem nortear a educação, com ênfase na educação sanitária.

No Brasil, a educação sanitária seguia basicamente os mesmos moldes americanos, feito de forma massiva, como no caso das campanhas sanitárias, não contemplavam a dimensão histórico-social no processo saúde-doença. Também o ideário higienista encontrava sintonia com o discurso ideológico corrente que colocava a escola como instituição responsável por modelar certo tipo de cidadão exigido pelos novos tempos e contribuir assim para superação do "atraso" dos países subdesenvolvidos.

Nessa perspectiva, a escola tornou-se um *locus* das prescrições estabelecidas pelo modelo higienista, que formatou propostas de construções de modelos educacionais, formação de professores, inspeção de alunos e a organização de equipamentos públicos para a formação de novos higienizados cidadãos.

A escola passa então a ser um espaço estratégico para a reprodução do modelo de higiene, uma vez que se tratava de um espaço que agrupava crianças e jovens, que serviriam de multiplicadores no âmbito familiar. Os professores por sua vez eram treinados por médicos. Os médicos faziam parte do corpo docente da escola pública.

Portanto, este foi o momento histórico onde se inicia no Brasil uma relação entre educação e saúde. Os modelos que seguiram em décadas posteriores da história trazem consigo heranças desse período, onde os indivíduos precisariam ser "moldados" conforme a ideologia que era estabelecida. Mas, o que a Escola tem a ver com a saúde?

O direito à saúde foi reconhecido internacionalmente em 1948 pela Declaração Universal dos Direitos Humanos pela Organização das Nações Unidas – ONU. Até a Constituição Federal de 1988, a saúde esteve ligada a um vínculo formal de trabalhos, pois somente uma parcela de trabalhadores era contemplada com o acesso a saúde.

Diversas são as Políticas de Saúde que atualmente vem indicar o ambiente escolar para o desenvolvimento de ações de educação em saúde. Estratégias de articulação entre a escola e as unidades de saúde e escola e comunidade são destacadas como instrumentos importantes nesta relação entre educação e saúde.

A Política Nacional de Promoção a Saúde destaca como estratégia a identificação e apoio a iniciativas referentes as Escolas Promotoras de Saúde com foco em ações de alimentação saudável, práticas corporais/atividades físicas e ambiente livre do tabaco (BRASIL, 2006).

No tocante à importância da escola da promoção da saúde pela escola ou no ambiente escolar, faz-se necessário entender que o espaço escolar se apresenta como um elo de interlocução com a comunidade.

Na sociedade contemporânea, informacional, se faz necessário o desenvolvimento de modelos de formulação, implementação e avaliação das políticas públicas que visem à democratização das relações sociais e à inclusão e à valorização de discursos silenciados pelas dificuldades da vida. As práticas em saúde devem considerar as diversas realidades em que os sujeitos se encontram com o objetivo de realizar construções compartilhadas de saberes sustentadas pelas histórias individuais e coletivas. (BRASIL, 2008, p. 18).

De acordo com a LDB. Lei nº 9.394/96, a Educação é dever da família e do Estado, e deve ser inspirada nos princípios de Liberdade, Saúde e Educação. A saúde na educação é tratada enquanto temática transversal, e foram dispostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN's (BRASIL, 1988).

Conforme Buss e Filho (2007), a escola tem a ver com a saúde, porque a saúde não se restringe à ausência de doença, ao contrário, é determinada por fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais, que influenciam a ocorrência de saúde de problemas de saúde e seus fatores de risco à população.

A contribuição da escola para a produção da saúde passa, em primeiro plano, pelo exercício do seu papel de constituir conhecimento do cidadão crítico, “estimulando-o à autonomia, ao exercício de direitos e deveres, às habilidades para a vida, com opção por atitudes mais saudáveis e ao controle das suas condições de saúde e qualidade de vida” (BRASIL, 2008, p. 20).

Ao adentrarmos nas abordagens referentes à promoção da saúde dentro da escola, é importante darmos ênfase ao significado do termo Promoção da Saúde, dado a sua importância para a compreensão do processo que envolve a promoção a saúde de indivíduos e da sociedade.

A Carta de Ottawa foi um documento que deu início a sistematização do movimento da Promoção da Saúde, de acordo com este documento, a Promoção a

Saúde caracteriza-se por um processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo.

Segundo Reis (2002), esta Carta ampliou a concepção de promoção a saúde, naquele determinado momento histórico, pois incorporou a importância e o impacto dos aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais nos determinantes da saúde. Assim, as ações de Promoção da Saúde objetivam fazer com que as condições de vida sejam cada vez mais favoráveis.

Com base nesses pressupostos, pode-se afirmar que, a promoção da saúde propõe uma articulação entre saber técnico e popular, a mobilização de recursos institucionais e comunitários, públicos e privados, ou seja, entre saúde e condições de vida, ressaltando as inter-relações de equidade social, intersetorialidade, fomento de políticas públicas saudáveis, criação de ambientes favoráveis à saúde e reorientação do sistema de saúde, baseando-se numa visão ampliada do processo saúde-doença e reconhecendo a multideterminação deste processo.

A importância de se promover saúde na escola tem um viés de ligação com o significado social da escola, por se tratar de um espaço privilegiado, com potencial de transformações sociais e de construção de conhecimentos e valores. Portanto, trata-se de um espaço público que favorece uma articulação entre saúde e educação, possibilita a convivência social, e consequentemente a promoção a saúde.

Conforme o documento, a rede pública de ensino é responsável pelo atendimento, na educação básica, por 26% da população brasileira, assim, pode se tornar uma importante porta de acesso ao sistema de saúde (BRASIL, 2010).

O Programa Saúde na Escola foi instituído pelo Decreto Presidencial nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007 e iniciado em 2008, integra uma política de governo voltada à intersetorialidade que atende aos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde: integralidade, equidade, universalidade, descentralização e participação social.

Mais do que uma estratégia de integração das políticas setoriais, o Programa se propõe a ser um novo desenho da política de educação em saúde que trata a saúde e educação integrais como partes de uma formação ampla para a cidadania, promove a articulação de saberes, a participação de alunos, pais, comunidade escolar e sociedade em geral na construção e controle social da política.

Constituem-se objetivos do Programa são:

- integrar e fortalecer a relação das redes de serviços do setor Educação e do Sistema Único de Saúde nos territórios, com o fortalecimento e sustentação da articulação entre as Escolas Públicas e as Unidades Básicas/Saúde da Família, por meio da realização de ações dirigidas aos alunos e suas famílias de forma a ampliar o alcance e o impacto destas ações, otimizando a utilização dos espaços, equipamentos e recursos disponíveis;
- promover a saúde e a cultura da paz, através do reforço a prevenção de agravos à saúde;
- fortalecer a participação comunitária nas políticas de educação básica e saúde, nos três níveis de governo;
- fortalecer o enfrentamento das vulnerabilidades, no campo da saúde, que possam comprometer o pleno desenvolvimento escolar;
- promover a comunicação entre escolas e unidades de saúde, assegurando a troca de informações sobre as condições de saúde dos estudantes (BRASIL, 2007).

Assim, o PSE propõe uma política intersetorial entre os Ministérios da Saúde e da Educação com a finalidade de contribuir para a formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica na perspectiva da atenção integral (prevenção, promoção e atenção) à saúde de crianças, adolescentes e jovens – educação infantil, ensino fundamental e médio, educação profissional e tecnológica e na educação de jovens e adultos, no âmbito das escolas e/ou das unidades básicas de saúde, realizadas pelas Equipes de Saúde da Família conjuntamente com as equipes das escolas (BRASIL, 2007).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, a temática da saúde está inclusa nos temas transversais, que compõe a abordagem de diversos temas como, ética, orientação sexual, trabalho e consumo, meio ambiente, pluralidade cultural, dentre outros.

Os Artigos 14 e 15 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, define que os Temas contemporâneos transversais são assim denominados por não pertencerem a uma disciplina específica, mas por transpassarem e serem pertinentes a todas elas. Existem distintas concepções de como trabalhá-los na escola. Essa diversidade de abordagens é positiva na medida em que possa garantir a autonomia das redes de ensino e dos professores.

A BNCC associa conhecimentos, práticas e valores aos cuidados necessários para ter saúde. Nessa direção, os autores Sousa, Guimarães e Amantes (2019), destacam que nas três primeiras versões da Base, a saúde é apontada como um tema que deve ser discutido pelas Ciências da Natureza de forma transversal e contextualizada, favorecendo o protagonismo dos estudantes.

Para os autores, nas versões da BNCC, “prevalece uma vertente reducionista da saúde, associando-a a uma abordagem comportamentalista voltada aos cuidados, cuja responsabilidade recai fortemente sobre os indivíduos [...]” (SOUSA; GUIMARÃES; AMANTES, 2019, p. 142), pois, retoma o modelo de habilidades e competências e destaca que, a partir dos conhecimentos científicos, os estudantes poderiam tomar decisões “a respeito da saúde individual e coletiva com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários”. (BRASIL, 2017, p. 323).

Assim, quando se fala em saúde currículo estabelece que deve-se conceber em sentido amplo, pois envolve as inter-relações em todos as esferas seja elas, políticas, econômicas, sociais dentre outras. Para que assim, se desenvolva o equilíbrio, sustentabilidade e equidade sobre as concepções de educação e saúde.

É preciso que a promoção de saúde na escola seja discutida e formulada dentro das práticas pedagógicas e programas de saúde que contemplem a construção de uma nova realidade e possam estabelecer uma ação intersetorial mais efetiva, através do diálogo entre saúde e educação, como parceiros ativos na valorização de uma melhor qualidade de vida para crianças, adolescente, jovens e seus familiares.

Portanto, há necessidade da interseção da Educação com vários outros saberes e ciências, em especial com a área de saúde. Uma integração que venha a se solidificar e a se estruturar de forma dinâmica e permanente, não eventual. Esses são os grandes desafios para profissionais da saúde e da educação, seus interlocutores, usuários, gestores e formuladores de políticas sociais, além dos movimentos sociais e das representações populares nas instituições públicas e privadas.

2 O PEDAGOGO E SUA ATUAÇÃO NO AMBIENTE HOSPITALAR

2.1 PEDAGOGIA HOSPITALAR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Estudos apontam que a enfermidade sempre foi algo presente na vida humana, com capacidade de afetar todas as classes sociais, idades em diferentes períodos históricos. A Pedagogia Hospitalar é a educação no contexto hospitalar, isso implica em afirmar, que ela pode contribuir de maneira salutar com o desenvolvimento intelectual, social e psicológico de crianças e adolescentes que se encontram em tratamento médico. Vem possibilitar através das estratégias metodológicas, a continuidade dos estudos, que poderiam ser paralisados no âmbito da educação formal.

Matos e Mugiatti (2014) expõem que, além do problema físico, junto com a doença vem uma série de outras situações quando a enfermidade se mostra multifatorial, ou seja, vários fatores, não apenas uma causa ou efeito. Dessa forma, não é justo que se realize um tratamento meramente físico, porque antes o doente era visto apenas pela sua enfermidade, de forma isolada e unilateral, sem que fosse tratado em todos os seus desdobramentos.

Para Fontes (2008), Pedagogia Hospitalar se diferencia da pedagogia tradicional porque ocorre em ambiente diferente, nesse caso o hospital, e o aprendizado busca contribuir para a satisfação do corpo e da mente do educando. Ratificado por Matos e Mugiatti (2014, p. 29), que entendem ser este processo educativo uma contribuição para a cura, pois “favorece a associação do resgate, de forma multi/inter/transdisciplinar, de condição inata do organismo, de saúde e de bem-estar, ao resgate da humanização e da cidadania”.

Na perspectiva de garantir e promover bem estar da criança a Pedagogia Hospitalar, segundo Fontes (2008), apresenta duas formas de contribuição: A primeira acontece por meio do lúdico como meio de comunicação e distração, enquanto a outra destina-se em conhecer esse ambiente, que muitas vezes é tenebroso, isso ajuda a desmistificar, e trazer outros sinônimos, outros meios de atendimento, para assim, fazer com que a criança deixe parte de seus medos, resistências e possa confiar e se ambientar com a equipe multidisciplinar e o espaço, no qual se passa o seu processo de tratamento.

A Pedagogia Hospitalar integra o processo de educação e saúde, e dessa forma é possível a continuidade dos estudos daqueles que se encontram enfermos nos hospitais.

Observa-se que a continuidade dos estudos, paralelamente ao internamento, traz maior vigor às forças vitais da criança (ou adolescente) hospitalizada, como estímulo motivacional, induzindo-o a ser tornar mais participante e produtivo, com vistas a uma efetiva recuperação. Tal fato, além de gerar uma integração a participação ativa que entusiasma o escolar hospitalizado, pelo efetivo da continuidade da realidade externa, contribui, ainda de forma subconsciente, para o desencadeamento da vontade premente de necessidade de cura, ou seja, nasce uma predisposição que facilita sua cura e abrevia o seu retorno ao meio a que estava integrado (MATOS; MUGIATTI, 2014, p. 72).

Conforme Vasconcelos (2006), as primeiras intervenções de pedagogos ocorridas em hospitais iniciaram-se no ano de 1935, nos arredores de Paris, quando Henri Sellier inaugurou uma escola para crianças inadaptadas. Seu trabalho foi expandido por seguidores, na Alemanha, França, em outros países da Europa e nos Estados Unidos, que visavam o atendimento às crianças infectadas tuberculose, moléstia muito comum nessa época que, por ser muito contagiosa, acabava por afastá-las da escola.

Conforme os estudos de Rittmeyer, Silva e Imbrósio (2001), a primeira Classe Hospitalar surgiu no ano de 1950, no Rio de Janeiro, no Hospital Municipal Menino Jesus, na época esta instituição tinha capacidade para 200 leitos, sendo 80 destinados a crianças em idade escolar.

Os estudos de Esteves (2008) informam que, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o mundo sentiu os efeitos desse evento, e dentre os prejudicados estavam as crianças. Mesmo inocentes, elas sofreram por causa do caldeirão de massacres que ocorriam em vários ambientes. Com isso, a classe médica defendeu o atendimento pedagógico dentro do ambiente hospitalar para que as crianças e adolescentes tivessem um melhor bem-estar quando enfermos.

As primeiras legislações específicas para nortear as classes hospitalares surgiram somente na década de 1990, a saber: O Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA/1990, que estabelece em seu artigo 9º, no que tange ao direito a educação, onde ratifica que toda criança e adolescente tem direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programa de educação para a saúde.

Outra Legislação que trata dos direitos de crianças e adolescentes hospitalizados, é a Resolução nº 41 de 13 de outubro de 1995, esses marcos regulatórios legais configuram-se como formas de proteção e garantia de direitos de crianças e adolescentes hospitalizados.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (1996) vem tratar a classe hospitalar como educação especial, no aspecto da educação inclusiva. Sob essa ótica da Educação Especial, as classes hospitalares e o atendimento pedagógico domiciliar não poderiam seguir os padrões do ensino regular, isso porque, a situação vivenciada pelo escolar enfermo exige uma forma de trabalho diferenciada (BRASIL, 2002).

Por essa razão, esse trabalho diferenciado, englobando os dois tipos de atendimentos deve ser desenvolvido em conjunto com as unidades escolares, com os sistemas de educação sejam federais, estaduais e municipais e com as direções dos estabelecimentos e dos serviços de saúde em que o escolar esteja hospitalizado ou vinculado (BRASIL, 2002).

Assim, a possibilidade de contar com programas estaduais e municipais que atendem seus alunos por meio de um trabalho diferenciado, mais consistente, disponibilizando profissionais e materiais, igualmente usados no espaço da escola comum é uma forma de buscar a efetivação das políticas educacionais voltadas para o atendimento educacional em ambiente hospitalar.

Desse modo, também especificado nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001), em seu art. 13:

Os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio. FAE Centro Universitário | Núcleo de Pesquisa Acadêmica - NPA § 1º As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular.

Com base nesses pressupostos, compreende-se que, a classe hospitalar tem como propósito promover a continuidade dos estudos durante o período de internação. O professor da escola regular e professor da classe hospitalar

estabelecem um vínculo para contribuir na atuação do pedagogo hospitalar com esta criança (SALDANHA; SIMÕES, 2013).

O principal objetivo da Classe Hospitalar é atuar no combate ao fracasso escolar, comum às crianças e aos adolescentes que são submetidos a internações longas e/ou frequentes, impossibilitando de acompanhar o ano letivo da escola regular.

Atendimento pedagógico educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental (BRASIL, 2002, p. 13).

Desse modo, compreende-se que há diversas formas de promover esse atendimento a criança ou adolescente hospitalizado, que pode ser por meio de um professor atendendo individualmente nos ambientes de saúde, ou casos de organização de uma classe hospitalar, sob a direção de um professor. Ou ainda, o atendimento do aluno enfermo em sua residência, “[...] decorrente de problema de saúde que impossibilite o educando de frequentar escola ou esteja ele em casas de passagem, casas de apoio, orfanatos e/ou outras estruturas de apoio da sociedade”.

A Pedagogia Hospitalar é considerada o suporte educativo oferecido à criança, o qual será propício para o seu desenvolvimento.

Sobre o enfoque da pedagogia hospitalar, poderá oferecer suporte à criança e ao adolescente hospitalizado, ou em longo tratamento hospitalar, a partir não só da sua ajuda, como também de outros profissionais afins, que conta com o assistente social, o psicólogo e toda a equipe médica, que juntos devem visar uma aproximação em benefício do enfermo, proporcionando práticas para o bom desenvolvimento físico, psicológico e cognitivo do escolar hospitalizado em seu processo de tratamento de cura (BRAGA; MENDES; QUEIROZ, 2007, p.19).

Nessa direção, Fontes (2005) destaca que, as crianças e jovens em idade escolar, que se encontram impossibilitados de frequentar a escola por estarem passando por problemas de saúde, e assim permanecem internados em hospitais e instituições afins, também merecem que seu direito à educação seja respeitado e que as entidades responsáveis apresentem políticas de atendimento a esta demanda.

Para Amaral (2006), a criação e a regulamentação das Classes Hospitalares nada mais é do que o resultado do reconhecimento formal de que a criança hospitalizada, independente do período de permanência na instituição ou de outro fator qualquer, sente necessidades educativas e tem direitos de cidadania, que incluem a escolarização.

Mediante as considerações aportadas nestes tópicos, as quais incidem sobre a Pedagogia Hospitalar fica bastante claro, que se trata de um caminho que apresenta constantes desafios, cujo enfrentamento se dá através da construção de estratégias, superação de obstáculos, apontando para novas possibilidades no exercício da profissão.

2.2 ATRIBUIÇÕES DO PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR

A Pedagogia é a ciência sobre a atividade transformadora da realidade educativa, que acontece em todos os espaços sociais. A ênfase as atribuições do Pedagogo no ambiente hospitalar, remete a uma reflexão recorrente, que está intrinsecamente relacionada às diversas interfaces de atuação deste profissional.

No entanto, durante a pesquisa realizada identificou-se conceitos importantes, que trazem a compreensão que, a educação não é elemento exclusivo da escola, assim como, a saúde não é elemento exclusivo do hospital.

No hospital, o professor apresenta diversas interfaces, a política, pedagógica, psicológica, social e ideológica. Assim, todas essas interfaces, estão imbricadas na relação do estar próximo de alguém, que naquele momento está com necessidades especiais ocasionadas por algum tipo de enfermidade, requerendo do profissional da educação, não somente o aprendizado como também, que seja ouvido, e que haja uma aproximação de fato.

Nessa direção, tem-se a importância da escuta pedagógica para agenciar conexões, necessidades intelectuais, emoções e pensamentos, relações que se estabelecem entre professor e aluno em ambientes hospitalares.

[...] a escuta se refere à apreensão/compreensão de expectativas e sentidos, ouvindo através das palavras as lacunas do que é dito e os silêncios, ouvindo expressões e gestos, condutas e posturas. A escuta não se limita ao campo da fala ou do falado, [mais do que isso busca perscrutar os mundos interpessoais que constituem nossa subjetividade para cartografar o movimento das forças de vida que engendram nossa singularidade (CECCIM, 1997, p. 31).

O Pedagogo deve apresentar algumas características, que venham contribuir para a efetividade de seu trabalho no âmbito escolar, mas que podem ser adequadas para o espaço escolar no hospital: articulador, formador, mediador e transformador. As referidas características buscam contribuir as ações que visam a continuidade do processo de escolarização e que, portanto, tem o educando como elemento central.

Os profissionais que fazem parte da equipe de pedagogia hospitalar são compostos por um professor coordenador que além de organizar as propostas pedagógicas a serem desenvolvidas na classe hospitalar e no atendimento pedagógico domiciliar, deve orientar e prestar assistência aos professores que atuarem nesses espaços (BRASIL, 2002).

Também fará parte da equipe educacional, o professor, que será responsável por planejar, organizar e desenvolver atividades e avaliações adequadas às necessidades e possibilidades dos educandos. Cabe também a este profissional cuidar do processo de inserção ou reinserção do educando no ensino regular, quando este estiver em condições para tanto.

O profissional pedagogo contará com o apoio de um assistente que poderá pertencer ao quadro de funcionários do hospital ou da escola. Estes terão como principal função auxiliar o professor em tudo o que for necessário, desde a devida higienização do ambiente e materiais até a prestação de cuidados pessoais ao educando, tais como, levá-los para fazer uso do sanitário ou auxiliá-los no momento de alimentação (BRASIL, 2002).

Segundo Silva e Farago (2014), a atuação do professor na classe hospitalar é extremamente importante, não se limitando em apenas dar continuidade ao processo educativo da criança ou adolescente, mas também contribuindo para proporcionar a interação deste educando com o ambiente hospitalar e com os profissionais da saúde.

O professor que atuar na classe hospitalar ou no atendimento pedagógico domiciliar deve estar preparado para lidar com a particularidade de cada criança ou adolescente enfermo e, com base nisso criar estratégias adequadas às necessidades e possibilidades dos mesmos, como uma forma de oferecer condições de ensino-aprendizagem de qualidade, permitindo assim, que está se concretize de maneira significativa (FONSECA, 2008 *apud* SILVA; FARAGO, 2014, p. 28).

Nessa perspectiva, destaca-se o papel desse profissional pedagogo que atua no ambiente hospitalar, pois, para que desenvolva suas funções com qualidade nesse ambiente, deve ter “destreza e discernimento para atuar com planos e programas abertos, móveis, mutantes, constantemente reorientados pela situação especial e individual de cada criança, ou seja, o aluno da escola hospitalar” (FONSECA, 2003, p. 65).

A seguir estão descritas algumas atribuições do Pedagogo no ambiente hospitalar:

- Registro diário de todas as impressões e observações do desempenho, atitudes, receptividade e interesse do escolar atendido pelo mesmo, [...];
- No que se refere a avaliação realizada pelo pedagogo hospitalar, salientamos que esta acontece gradativamente, através das observações diárias em relação ao desempenho de cada escolar enfermo [...];
- [...], diz respeito ao trabalho social do mesmo junto aos familiares da criança ou adolescente hospitalizado ou sob atendimento domiciliar, eis que tal como, o escolar, seus familiares se encontram fragilizados e assustados, diante dessa nova realidade desencadeada pela enfermidade que acometeu o educando.
- O pedagogo como agente social, poderá também orientar os familiares do escolar hospitalizado a, por exemplo, buscar assistência junto ao Serviço Social do hospital, caso venha a ter alguma dificuldade, [...]
- Este profissional, também na qualidade de agente social, contribui diretamente para o processo de humanização hospitalar, presta assistência em várias esferas, ao familiar do hospitalizado, proporciona a integração entre os educandos internados e seus familiares com os profissionais de saúde, [...] FONSECA, 2008 *apud* SILVA; FARAGO, 2014, p. 30).

Para além das múltiplas formas de atuação do Pedagogo no ambiente hospitalar, também se aborda nesse estudo a importância das atividades lúdicas para as crianças hospitalizadas. Conforme estudos de Cunha (1994, p. 11), o brincar é extremamente importante para o desenvolvimento de crianças.

[...] Porque é brincando que a criança se desenvolve, exercitando suas potencialidades. O desafio contido nas situações lúdicas provoca o funcionamento do pensamento e leva a criança a alcançar níveis de desempenho que só as ações, por motivação intrínseca, conseguem. Porque brincando a criança aprender com toda a riqueza do aprender fazendo, espontaneamente, sem estresse ou medo de errar, mas com prazer pela aquisição de conhecimento. Porque, brincando, a criança desenvolve a sociabilidade, faz amigos e aprende a conviver respeitando o direito dos outros e as normas estabelecidas pelo grupo.

Nesse aspecto, a brinquedoteca hospitalar possui objetivos pedagógicos junto a criança enferma. As finalidades da brinquedoteca hospitalar deve ser a de tornar a

estadia da criança no hospital menos traumatizante e mais alegre, possibilitando assim melhores condições para sua internação.

É nesse contexto da ludicidade como vetor de desenvolvimento da criança enferma, que se articula outra atribuição do Pedagogo, se apresenta como um organizador, elaborador e mediador dessas atividades lúdicas e prazerosas, e, como um elemento fundamental na administração desses espaços lúdicos, no que diz respeito a organização das mesmas, na escolha de brinquedos adequados a cada criança, manutenção e higienização destes, dentre outras funções essenciais para o bom funcionamento destes lugares; tudo em prol do bem-estar da criança e seus familiares e ainda, como uma maneira de dar continuidade, através de atividades lúdicas e prazerosas ao desenvolvimento global desse indivíduo hospitalizado.

Ceccim (1997), aborda um aspecto importante envolvendo a ludicidade como espaço de interação com outras crianças e familiares, como uma maneira de contribuir socialização e integração, haja vista que, a criança ao se deparar com outras tão debilitadas ou mais que ela, percebe que mesmo estando limitada pela doença ou pelo tratamento é possível estar ao lado de outras crianças, de brincar, de aprender de e se relacionar.

Com base nos enunciados elencados neste tópico compreende-se que o hospital é um espaço de educação para as crianças que se encontram enfermas, internadas, e o Pedagogo exerce um papel importante, trazendo novos significados, contribuindo para que haja um ambiente favorável a afetividade, aos encontros e aberto as transformações.

2.3 DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO CONTEXTO HOSPITALAR

As práticas educativas hospitalares, conforme já mencionado em tópicos anteriores, constitui-se como uma ação de intervenção desenvolvida pelo Pedagogo durante a realização de seu trabalho.

Tomasini (2007) considera que essas práticas buscam, com apoio na teoria da educação e saúde, estabelecer um diálogo que possa dar fundamento à real necessidade de cada aluno. Assim sendo, a Pedagogia Hospitalar é uma área que está voltada não somente para a humanização, assim como o exercício de trabalhos pedagógicos em uma proposta de educação que perpassa a humanização.

[...] se a ação pedagógica do professor em relação ao aluno hospitalizado assume tão somente o caráter de ajuste ou adaptação da prática pedagógica à situação particularmente sensível e sofrida do educando e ainda pelas condições educativas possíveis de serem efetivadas num hospital sem que estejam fundadas numa perspectiva de educação que ultrapassa seus muros, corre-se o risco de reproduzir, sem o saber, a perspectiva que concebe a educação no hospital como apenas mais uma atividade humanitária desenvolvida neste contexto (NUNES, 2007, p. 4154).

Enquanto um trabalho que busca, uma socialização humanizadora, poder interpretar e traduzir as expectativas do aluno, possibilitando exercitar nos mesmos suas potencialidades.

Nessa perspectiva, um desafio que permeia a prática do Pedagogo, é a compreensão que os saberes e as práticas podem ser diversos, uma vez que a educação não se limita a um simples ato programado e intencional, ou atrelada a conceitos científicos, no entanto, é necessário perceber a dinâmica das descobertas que são significativas e propulsoras de transformação social.

Percebe-se que a construção do conhecimento, de novos saberes, faz-se em todos os lugares, a qualquer momento. Mesmo que não se caracterize uma ação intencionalmente pedagógica, pode ser considerada educativa para as pessoas das classes hospitalares, escolas hospitalares, atores sociais de um cenário em constante transformação, que se encontram enfermas e que continuam possuindo o direito à educação (TOMASINI, 2000, p. 67).

A prática do aprendizado no hospital envolve elementos importantes, que juntos irão estabelecer uma relação reciprocidade entre Pedagogo e paciente, é necessário que ocorra interesse, envolvimento, entusiasmo e motivação do aluno, para aquilo que o aluno irá aprender. Para tanto, o “querer” aprender, pode ocorrer de forma mais eficaz, se estiver estabelecido carinho e acolhimento na intervenção.

Sabemos que a educação é um ato inerente do ser humano, e que por sua vez pode ser praticado em qualquer lugar, no entanto, quando a prática ocorre num ambiente hospitalar, é importante que seja respeitado os limites dos pacientes. O ato de aprender ou o aprendizado, é parte integrante na vida do ser humano, trata-se de um processo que ocorre durante o ciclo da vida, e que por sua vez ajuda a modificar ou transformar aquilo que aprendemos.

A educação não é a preparação para a vida, é a própria vida [...]. A educação é uma constante reconstrução da nossa experiência, que opera uma transformação direta da qualidade da experiência, isto é, esclarece e

aumenta o sentido da experiência e, ao mesmo tempo, nossa aptidão para dirigirmos o curso das experiências subsequentes (LIBÂNEO, 2001, p. 75).

Falar de possibilidades e desafios vem requerer a compreensão que os saberes necessários à prática profissional exigem reflexões de caráter específico e humano, uma vez que tais saberes são construídos gradativamente pelos professores e alunos.

Freire (1996) aponta que deve-se considerar que, tanto nas instituições escolares quanto nos hospitais, essa especificidade individual de cada ser deve ser preservada. Assim, o que possibilita a capacidade dessa troca de saberes é o comprometimento que o educador assume ao utilizar práticas ou até mesmo modificá-las durante sua intervenção no processo de construção do conhecimento do aluno.

Compreender que o ambiente hospitalar na grande maioria das vezes é um ambiente estranho para criança, também passa a ser um desafio ao Pedagogo, pois se trata de um lugar onde irá desenvolver seu trabalho. Desse modo, deverá propor a criança hospitalizada um lugar aconchegante, prazeroso, sendo esta prática simples e natural.

[...] é importante que o professor trabalhe atividades lúdicas de reconhecimento do espaço de sua doença e de si própria durante os primeiros quinze dias de internação da criança, no sentido de tranquilizá-la acerca do ambiente hospitalar (FONTES, 2005, p. 22).

Ainda no tocante aos desafios e possibilidades, a atuação profissional nas classes hospitalares vem exigir do Pedagogo, antes de realizar qualquer atividade, que ele tenha conhecimento da doença de que a criança está se tratando, tendo acesso ao prontuário médico.

Outro aspecto importante, é abordar e conhecer a criança, através da escuta, sem exigir muitas respostas ou conversas longas, saber o que a criança gosta de fazer. Ceccim, (1997, p. 54) afirma que, “Quando propomos uma escuta pedagógica à criança hospitalizada, estamos propondo um novo pensar à atenção de saúde da criança que está doente e que vivencia a internação hospitalar”. Os desafios postos são constantes, e tais desafios caminham juntos com as possibilidades de intervir respeitando as peculiaridades e singularidade de cada criança ou adolescente hospitalizado.

Portanto, o Pedagogo está diante de uma clientela que se encontra em constante modificação, tendo em vista o número de crianças que irão ser atendidas pelos professores, assim como, no que diz respeito, que estarão internadas, e ainda considerando, as patologias que são diferenciadas, exigindo do Pedagogo habilidade para realizar suas intervenções.

O pedagogo hospitalar é o mediador do processo de aprendizagem, é o responsável pelas aprendizagens promovidas nos contextos em que atua e, também, responsável por sua aprendizagem. [...] A aprendizagem acontece em um espaço coletivo, de diferentes níveis de relação com os parceiros que fazem presentes no processo. A aprendizagem requer um clima afetivo e emocional, que é cheio de riscos e empreendimentos, e o pedagogo é o profissional que deve possibilitar a motivação dos escolares (MUTTI, 2016, p.134).

Nesse entendimento, o profissional de pedagogia que atende crianças e adolescentes em tratamento de saúde enfrenta constantes desafios, pois, chega o momento do autoconhecimento, da percepção dos laços que serão feitos. Torna-se um grande desafio para o pedagogo hospitalar, pois este é responsável que deverá proporcionar a alegria para o educando e a motivação.

Portanto, este profissional pedagogo deve ser dinâmico, disposto, disponível, aberto à aprendizagem para poder ensinar, tornando mais leve o sofrimento deste educando em tratamento de saúde que encontra-se hospitalizado.

3 DESAFIOS DO PEDAGOGO EM AMBIENTE HOSPITALAR: CONCEPÇÕES DOS ACADÊMICOS DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE ITAITUBA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo é ordem bibliográfica e de campo utilizando-se a abordagem qualitativa e a pesquisa descritiva. Segundo Gil (2008), a pesquisa descritiva permite descrever as características de determinadas populações, e pode ser utilizada na coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

Assim, este estudo está fundamentado nas referências bibliográficas que discutem o papel do pedagogo em ambiente hospitalar. A Pesquisa bibliográfica que embasou este estudo discute o papel do pedagogo em ambientes não escolares, a pedagogia hospitalar, e o trabalho pedagógico nos hospitais tais como: Aranha (2006), Bruno (2014), Fontes (2008), Vasconcelos (2006), Ceccim (1997), Silva e Farago (2014), assim como as legislações específicas que tratam das diretrizes do curso de Pedagogia.

Na pesquisa de campo utilizou-se de questionário com 6 questões direcionadas aos acadêmicos do Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba-FAI que estudam no período diurno. As perguntas propostas visam detalhar, a importância da Pedagogia hospitalar, o interesse do acadêmico para essa modalidade; os desafios e possibilidades; assim como a formação acadêmica direcionada para a pedagogia hospitalar.

Ludke e André (1986) ressaltam que abordagem qualitativa usa o questionário como principal método de investigação, assim como a observação que possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado.

Foram entrevistados 13 acadêmicos do curso de Pedagogia e o quadro 1 traz o perfil dos entrevistados.

Quadro 1- Perfis dos entrevistados.

Acadêmico	Idade	Desafios do Pedagogo
A1	27 anos	<i>Exercer o papel da família.</i>
A2	31 anos	<i>Falta de uma formação continuada que acompanhe o avanço tecnológico e as constantes mudanças que ocorrem nas leis e diretrizes educacional, e no perfil do aluno atual.</i>
A3	36 anos	<i>Falta de interesse dos educandos, pois os mesmos precisam acompanhar a tecnologia.</i>
A4	23 anos	<i>A ausência da família.</i>

A5	27 anos	<i>Identificar, compreender e reparar as dificuldades encontradas pelos alunos, ainda é um grande desafio, pois elas representam grandes desmotivadores e contribuem para o baixo rendimento escolar.</i>
A6	21 anos	<i>Falta de participação da família junto a escola, e a falta de recursos maternos para desenvolver um trabalho de qualidade.</i>
A7	31 anos	<i>Falta de formação continuada que acompanhe os avanços e as constantes, e no perfil do aluno atual que ocorrem nas leis e diretrizes educacionais.</i>
A8	36 anos	<i>Falta de interesse dos educandos, pois os métodos precisam acompanhar a tecnologia.</i>
A9	38 anos	<i>O grande desafio é ensinar e prepara uma sociedade devastada de valores familiares, motivadas pelo surgimento da tecnologia.</i>
A10	32 anos	<i>Aceitação profissional e a desvalorização.</i>
A11	33 anos	<i>Ausência e responsabilidade da família acarretando a indisciplina do aluno em sala de aula.</i>
A12	29 anos	<i>Valorização salarial; Ausência da família no espaço escolar; Falta de recursos pedagógicos.</i>
A13	28 anos	<i>Ausência da família; Formação continuada.</i>

Fonte: Acadêmicos de Pedagogia, FAI (2020).

Conforme as informações, os acadêmicos entrevistados estão na faixa etária entre 21 a 38 anos, dos 13 entrevistados, 11 são do sexo feminino e 2 do sexo masculino.

Os entrevistados apontam como desafios do Pedagogo no século XXI, questões relacionadas a ausência da família no ambiente escolar, dificuldades do educando em acompanhar a tecnologia, e nesse sentido apontam a falta de interesse em acompanhar e conhecer os novos avanços, incipiência da formação continuada para aos professores, considerando as constantes mudanças nas Leis e diretrizes educacionais; a desvalorização salarial.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FAI

A Faculdade de Itaituba- FAI, está localizada na Avenida Fernando Guilhon, Número: 895, Bairro: Jardim das Araras. CEP: 68180-110, em Itaituba- Pará, completou dezesseis anos em 15 de Setembro de 2020, com sua fundação no ano de 2003. Sua contribuição com a sociedade itaitubense e região com suas comunidades circunvizinhas, consiste na formação de 2.250 formados no período de 2007 a 2019, como profissionais bacharéis e licenciados em cursos diversos, como Administração, Ciências Contábeis, Enfermagem, História, Letras e Pedagogia. Atualmente, com 1.300 acadêmicos efetivamente matriculados.

A FAI oferta à comunidade, doze cursos, além dos acima citados, também tem autorizados os cursos de Ciências Biológicas, Direto, Estética e Cosmética, Farmácia, Fisioterapia e Engenharia Civil. O objetivo geral da IES- FAI, é promover a excelência dos cursos que ministra, por meio do ensino, pesquisa e extensão, visando sempre a formação e a qualificação para o exercício de atividades culturais, técnicas e científicas, de acordo com as exigências da realidade regional e nacional, para o desenvolvimento sustentável da região, reafirmando o compromisso assumido da instituição com a sociedade e meio ambiente.

A FAI foi criada pela família Sá Almeida que criou o Centro de Estudos Superiores de Itaituba, aprovada e credenciada pelo MEC, iniciando com os cursos de Administração, História, Letras e Pedagogia, sendo majoritária em Ensino Superior privado, fazendo a diferença e refutando paradigmas.

Ao tratar-se da Pedagogia especificamente, a FAI oferece um curso de excelência, desenvolvendo os acadêmicos em sua totalidade, como cidadãos e profissionais capazes de atuar com eficiência e efetividade, formando professores e demais profissionais que atuam no âmbito educacional, como também aptos a desenvolverem trabalhos pedagógicos em instâncias não educacionais,

O Curso de Pedagogia foi autorizado pelo MEC pela portaria (Portaria nº 2.560 de 15 de 09 de 2003) e o reconhecimento pela Portaria do MEC nº de 21 de 12/03/2012, sendo que a última renovação ocorreu na Portaria nº 916 de 27/12/2018. Tem por finalidade formar profissionais para a Educação infantil e séries iniciais do ensino Fundamental e técnicos em Educação: administração, supervisão, orientação educacional. Nessa abordagem, o curso também oferece aos pedagogos competências, habilidades pertinentes aos contextos não-escolares.

Esse curso objetiva formar profissionais para atuar em espaços de educação formal e não formal. Tem a intencionalidade de atender as demandas e necessidades sociais na área da educação. O pedagogo tem múltiplas áreas de atuação o que favorece o seu ganho e contribuição com a formação da sociedade. Neste ano de 2020, a Faculdade possui seis turmas do curso de pedagogia totalizando 200 acadêmicos. Quantos aos egressos, já somam setecentos e quarenta e oito formados.

3.3 CONCEPÇÕES DOS ACADÊMICOS

Com o intuito de conhecer a concepção dos concluintes de Pedagogia sobre a atuação do pedagogo na área da Pedagogia Hospitalar, realizou-se uma pesquisa com 13 concluintes do Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba. Para Behrens (2011, p. 41), o pedagogo que atua na área hospitalar convive com os alunos que precisam acreditar em seus potenciais, “enfrentar as perdas e lutar bravamente com o ‘perigo de fracassar’. Por isso, são docentes diferentes, cheios de amor e fraternidade, competentes no ato educativo”.

Desse modo, na primeira questão dirigida aos acadêmicos de Pedagogia perguntou-se: **Você acredita que possui perfil para atuar na Pedagogia Hospitalar?** No quadro 2 encontra-se as respostas dos colaboradores dessa pesquisa.

Quadro 2 - Possui perfil para atuar na Pedagogia Hospitalar?

Acadêmico	Respostas	Justificativas
A ₁	Em parte	<i>O Pedagogo precisa estar apto a atuar na área hospitalar. Deverá estar preparado psicologicamente, para poder lide com as situações decorrentes.</i>
A ₂	Não	<i>Não possui o perfil adequado para atuar nessa área, pois não tem formação necessária para isso; pois esses profissionais precisam estar bem preparados para atender este público específico.</i>
A ₃	Sim	<i>Tem que gostar do que faz.</i>
A ₄	Sim	<i>O Pedagogo sempre dará um jeito para que a pessoa se desenvolva.</i>
A ₅	Sim	<i>Na área hospitalar deve ter um perfil diferenciado, haja vista, que irá se relacionar com pessoas frágeis.</i>
A ₆	Não	<i>É preciso ser preparado e qualificado para atuar na pedagogia hospitalar.</i>
A ₇	Não	<i>Não possuo perfil adequado; não possuo formação nesta área; precisa estar preparado.</i>
A ₈	Sim	<i>Pois o Pedagogo precisa gostar do que faz.</i>
A ₉	Sim	<i>O Pedagogo precisa ser flexível, pois os alunos necessitam de afeto devido a situação que se encontram.</i>
A ₁₀	Sim	<i>O campo profissional da pedagogia está cada vez mais ampliado para os diversos contextos educativos, e para trabalhar em ambientes hospitalares; o profissional deve realizar seu trabalho com respeito e compromisso.</i>
A ₁₁	Em parte	<i>Tem o lado emocional que precisa ser trabalhado.</i>
A ₁₂	Não	<i>Necessário está capacitado.</i>
A ₁₃	Sim	<i>Toda criança tem direito a educação, mesmo que alguma patologia o impeça de ir para a escola. A educação tem que ir até a criança para seu desenvolvimento.</i>

Fonte: Acadêmicos de Pedagogia, FAI (2020).

As respostas obtidas pelos entrevistados apontam alguns aspectos sobre a importância do perfil para trabalhar na pedagogia hospitalar. A grande maioria respondeu que possui perfil para trabalhar no ambiente hospitalar, no entanto, observamos que em algumas das respostas, os entrevistados se reportam ao “amor” pela profissão, e não identificamos por exemplo, uma resposta afirmativa no tocante à formação profissional, e as exigências para atuarem nesta área.

As respostas negativas, ou seja, os entrevistados que responderam não, se aproximam as opiniões, dos entrevistados responderam em parte, apontando não possuir formação acadêmica para tal, preparo emocional, etc. Chama a atenção o entrevistado A1, que respondeu a luz dos direitos sociais, afirmando que “*toda criança tem direito a eu ação*”, e que a educação deve ir onde a criança está.

Os entrevistados responderam que a Pedagogia hospitalar foi abordada de maneira superficial, pouco explorada durante o curso, e fez parte da disciplina Pedagogia em Ambiente não escolar.

Conforme Ceccim (1997), cada criança é um ser único e necessita de cuidados individualizados, sendo um deles a escuta pedagógica, que vem ajudar na adaptação ao novo ambiente. Nessa perspectiva, que aponta para uma relação interpessoal, entre o profissional e o aluno, é necessário que o Pedagogo esteja preparado para realizar sua intervenção, vários aspectos podem ser pontuados, os aspectos emocionais e psicológicos que irão possibilitar o enfrentamento da situação, a formação profissional que irá garantir um trabalho planejado e continuado.

A seguir foi perguntado aos acadêmicos: **Você acredita ser necessário alguma pós-graduação ou outra capacitação para atuar em classe hospitalar?** As respostas demonstradas no quadro 3.

Quadro 3 - Você acredita ser necessário mais capacitação para atuar em classe hospitalar?

Acadêmico	Respostas	Justificativas
A ₁	Sim	<i>Pois o breve estudo que recebemos não é suficiente para preparar o profissional nesta área.</i>
A ₂	Sim	<i>Pois se aprofundar neste assunto seria de grande relevância para a formação dos acadêmicos.</i>
A ₃	Sim	<i>Quanto mais qualificado melhor para o profissional.</i>
A ₄	Sim	<i>É necessário ter uma especialização, para que se obtenha um bom desempenho.</i>
A ₅	Sim	<i>Somente a graduação não é suficiente.</i>
A ₆	Sim	<i>O estudo recebido não foi suficiente.</i>
A ₇	Sim	<i>Necessitamos de uma especialização ou capacitação.</i>

A ₈	Sim	<i>Porque vi atender crianças e adolescentes que vão está numa situação fora do normal; precisa ter cuidado par atender de forma satisfatória o aluno.</i>
A ₉	Sim	<i>Precisa de mais capacitação.</i>
A ₁₀	Sim	<i>É necessário aprofundar mais.</i>
A ₁₁	Sim	<i>Precisa de especialização para atuar na área.</i>
A ₁₂	Sim	<i>O que foi estudado foi superficial, necessitando aprofundar mais.</i>
A ₁₃	Sim	<i>Precisa de capacitação.</i>

Fonte: Acadêmicos de Pedagogia, FAI (2020).

Os resultados obtidos na pesquisa apontam para a necessidade de formação e capacitação profissional, para atuar em ambiente hospitalar. Todos os entrevistados consideram necessário a capacitação e pós-graduação na área, considerando que a pedagogia hospitalar foi tratada de forma superficial na academia.

Conforme ressalta Fonseca (2003), o professor precisa estar capacitado para lidar com as referências subjetivas das crianças, e deve ter destreza e discernimento para atuar com planos e programas abertos, móveis, mutantes, constantemente reorientados pela situação especial e individual de cada criança, ou seja, o aluno da escola hospitalar.

Prosseguindo com a entrevista, procurou-se saber: **Você se sente preparado/apto atuar em um ambiente hospitalar atuando como professor de crianças e adolescentes enfermos?** As respostas demonstradas no quadro 4.

Quadro 4 - Você se sente preparado, atuar em um ambiente hospitalar?

Acadêmico	Respostas	Justificativas
A ₁	Não	<i>Primeiro porque não é um ambiente que me atrai; segundo porque não me sinto preparada.</i>
A ₂	Em parte	<i>O ambiente não é muito agradável.</i>
A ₃	Sim	<i>Não respondeu.</i>
A ₄	Sim	<i>Além do amor pela profissão e mais um toque de respeito e compaixão, podemos desenvolver um grande trabalho nessa área, por ser geralmente pessoas que estão debilitadas, é necessário que se tenha mais diversidade de conteúdo, para atingir o aluno.</i>
A ₅	Não	<i>Não me sinto preparada; tenho pouco conhecimento na área.</i>
A ₆	Não	<i>Não me sinto atraída; e não me sinto capacitada.</i>
A ₇	Não	<i>Não me sinto capacitada.</i>
A ₈	Não	<i>O que aprendi foi superficial.</i>
A ₉	Não	<i>Não tenho emocional para isso.</i>
A ₁₀	Sim	<i>Não respondeu.</i>
A ₁₁	Sim	<i>Não respondeu.</i>
A ₁₂	Não	<i>Preciso me capacitar.</i>

A₁₃	Não	<i>Não estou preparada.</i>
-----------------------	-----	-----------------------------

Fonte: Acadêmicos de Pedagogia, FAI (2020).

Apesar dos entrevistados reconhecerem a importância do Pedagogo em ambiente escolar, a maioria dos entrevistados, não se sentem preparados para atuarem nesta área. Algumas falas dão ênfase a um ambiente não atraente e não agradável.

A falta de um treinamento mais consistente que prepara esses professores para o ingresso na realidade hospitalar - esclarecendo suas rotinas, dinâmicas de funcionamentos e especificidades dos quadros de adoecimento das crianças – é um fator que concorre negativamente para a permanência ou desempenho satisfatório desses professores (BARROS, 2007, p. 68).

As opiniões se convertem em afirmar que o acadêmico não está preparado. Consideramos que por falta de conhecimento e de capacitação profissional, o profissional passa a emitir esse tipo de resposta, dada as lacunas deixadas durante o ensino.

Dando sequência, fez-se necessário perguntar para os acadêmicos: **A área da Pedagogia Hospitalar deveria ser mais explorada e estudada?** As respostas dos entrevistados estão descritas no quadro 5.

Quadro 5 - A área da Pedagogia Hospitalar deveria ser mais explorada e estudada?

Acadêmico	Respostas	Justificativas
A₁	Sim	<i>Deveria ser mais divulgada. A maioria dos Pedagogos já formados não conhece a área da Pedagogia hospitalar.</i>
A₂	Sim	<i>Para que fôssemos mais preparados para trabalhar nesse ambiente.</i>
A₃	Sim	<i>São poucos os profissionais existentes em nossa cidade, pois não há mercado.</i>
A₄	Sim	<i>Uma área que precisa ser mais explorada.</i>
A₅	Sim	<i>Pois é pouco conhecida e divulgada.</i>
A₆	Sim	<i>A forma de ensinar em ambientes não escolares é diferenciada, principalmente em hospitais onde a criança está cercada de médicos e enfermeiros, vivendo em uma rotina estressante.</i>
A₇	Sim	<i>Trata-se de algo que necessita mais estudo.</i>
A₈	Sim	<i>Crianças e adolescentes tem direito. É preciso estudar mais sobre o assunto.</i>
A₉	Sim	<i>Precisa divulgar mais.</i>
A₁₀	Sim	<i>Tem que ser mais explorado na faculdade.</i>
A₁₁	Sim	<i>Precisa explorar mais o assunto.</i>
A₁₂	Sim	<i>Requer maior divulgação.</i>
A₁₃	Sim	<i>Precisa expandir.</i>

Fonte: Acadêmicos de Pedagogia, FAI (2020).

A Pedagogia hospitalar conforme a resposta dos entrevistados deveria ser mais explorada e estudada, considerando que é pouco conhecido esse trabalho, por se tratar de um ambiente diferenciado, cercado de médicos, enfermeiros e outros profissionais da saúde.

Silva (2011) ressalta que, o contexto da saúde tem como objetivo de realização da prática pedagógica em questão, e permite trazer para a pauta de discussões aquilo que é um dos argumentos centrais deste trabalho: a formação profissional para professores e pedagogos de classes hospitalares requer o reconhecimento e afirmação de um campo do saber que contemple os múltiplos saberes, tendo em vista a dimensão e importância dessa modalidade na educação e saúde, por meio de acompanhamento de um currículo complexo, a saber: das demandas do adoecer e da hospitalização.

E para finalizar com as entrevistas, e sabendo da importância da atuação do pedagogo nesse âmbito foi perguntado: **Você julga importante a atuação do pedagogo em ambiente hospitalar?** Pode-se observar as opiniões no quadro 6.

Quadro 6 - Você julga importante a atuação do Pedagogo em ambiente hospitalar?

Acadêmico	Respostas	Justificativas
A ₁	Sim	<i>Importante para ajudar as crianças.</i>
A ₂	Sim	<i>Por considerar que o Pedagogo é um dos profissionais mais versáteis que existe no momento; pois sua atuação pode ser empregada em vários setores da sociedade; a atuação deve ser direcionada.</i>
A ₃	Sim	<i>Crianças e adolescentes precisam de apoio escolar.</i>
A ₄	Sim	<i>Não respondeu.</i>
A ₅	Sim	<i>O ensino da educação se encaixa em vários ambientes, e quando se faz necessário no ambiente escolar duplica o grau de importância, pois vai ajudar no desenvolvimento cognitivo de cada um que quer ser beneficiado com esse serviço, só tem a somar.</i>
A ₆	Sim	<i>O pedagogo tem grande importância no ambiente hospitalar, mas é necessário que ele esteja preparado.</i>
A ₇	Sim	<i>Sua atuação em ambiente hospitalar seria de grande importância.</i>
A ₈	Sim	<i>Os alunos precisam do apoio do Pedagogo.</i>
A ₉	Sim	<i>Devido ter crianças e adolescentes que se encontram em tratamento muito longo e impossibilitados de frequentar a sala de aula, e esse profissional é mediador no processo de aprendizado.</i>
A ₁₀	Sim	<i>A presença desse profissional neste ambiente contribuirá bastante com o trabalho de outros profissionais.</i>
A ₁₁	Sim	<i>No período que a criança não poderá frequentar a escola haverá um profissional lhe acompanhar.</i>
A ₁₂	Sim	<i>Pois a pedagogia hospitalar atua na mediação de crianças e adolescentes que estão impossibilitados de frequentar a escola.</i>
A ₁₃	Sim	<i>O pedagogo atua como mediador.</i>

Fonte: Acadêmicos de Pedagogia, FAI (2020).

A atuação do Pedagogo em ambiente hospitalar é de fundamental importância, não somente sobre o aspecto do aprendizado da criança e adolescente, assim como, para contribuir com o trabalho de outros profissionais. Os entrevistados julgam importante a presença do Pedagogo na classe hospitalar, tendo em vista que este profissional atua como mediador no processo de ensino e aprendizado, no entanto, os entrevistados ressaltam que é preciso está preparado para exercer a função.

Fonseca (2003) indica que o professor da classe hospitalar é, antes de tudo, um mediador das interações da criança com este ambiente, assim, não lhe deve faltar noções sobre as técnicas que fazem parte da rotina do aluno-paciente.

3.4 SUGESTÕES

Diante das dificuldades apontadas pelos entrevistados, no que pese aos desafios que são postos, sendo esses no âmbito da formação profissional, onde o tema é pouco explorado, fazendo com que, poucos acadêmicos despertem o interesse pelo assunto, e não se sintam atraídos em desenvolver trabalho nesta área trazendo com isso lacunas e incertezas para o exercício da pedagogia hospitalar.

Dada a importância de garantir direitos a crianças e adolescentes, conforme previsto em legislação vigente, relacionado ao acesso à educação, é necessário que passemos a pensar em proposições relevantes, que venham suprimir lacunas, como por exemplo:

- * Por meio da Câmara Municipal requerer abertura de concurso público para pedagogo atuar na Secretaria de Saúde;
- * Capacitação ou pós graduação (por iniciativa própria) para melhor atuação no ambiente hospitalar;
- * A instituição de ensino superior pode promover eventos e cursos de extensão voltados à temática da Pedagogia em ambientes não escolares, mais especificamente, no ambiente hospitalar.

Considera-se que a formação acadêmica seja a base para o aprendizado, devendo-se tornar como uma disciplina específica na grade curricular, despertando interesse do aluno pelo tema, e com isso possibilitando acesso a capacitação e preparação para atuar nas classes hospitalares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa realizada através das literaturas estudadas acerca da Pedagogia hospitalar, aliado a pesquisa de campo desenvolvida junto aos acadêmicos de Pedagogia da Faculdade de Itaituba, observou-se os grandes desafios existentes e que norteiam a prática profissional do pedagogo na área hospitalar.

Este estudo possibilitou a reflexão sobre a importância da formação e atuação do pedagogo no ambiente hospitalar, que fundamenta-se nos direitos legais da criança e do adolescente em processo de internação. O profissional que atua neste espaço deve ser um pedagogo, isso significa que precisa estar qualificado para atender essas crianças e adolescentes enfermos.

A Pedagogia Hospitalar é um campo de atuação do pedagogo, este pode desenvolver o seu trabalho tanto em hospitais quanto nos domicílios. Seu objetivo é de promover um atendimento pedagógico eficaz, além de reconstruir sua comunicação social ao dar seguimento nos estudos de adolescentes e crianças que estão afastadas da escola por estarem doente durante muito tempo.

A classe hospitalar é uma modalidade de atendimento da Educação Especial que tem como objetivo principal a atenção ao processo de ensino-aprendizagem de crianças e jovens hospitalizados que necessitam de escolarização ou estejam em tratamento hospitalar. Esta modalidade de atendimento prestado a essas crianças e adolescentes internados é parte do reconhecimento de que esses alunos-pacientes, uma vez afastados da rotina escolar, não venha se desmotivar, levando-os à evasão.

Desse modo, a formação desse profissional que atua no atendimento pedagógico domiciliar deve constar em seu currículo a graduação em pedagogia e outras licenciaturas, e de educação especial. É fundamental que estes profissionais tenham noções de determinadas doenças, bem como o tratamento semelhante e das condições físicas e psicossociais vivenciadas pelo estudante enfermo.

A partir das análises efetuadas foi possível perceber que os acadêmicos de Pedagogia entrevistados acreditam que possuem perfil para trabalhar no ambiente hospitalar, no entanto, observa-se que em suas justificativas se reportam ao “amor” pela profissão, e não se identifica, por exemplo, uma resposta afirmativa no tocante à formação profissional, e as exigências para atuarem nesta área.

No que se refere à preparação para atuar no ambiente hospitalar, os colaboradores dessa pesquisa evidenciam a necessidade de mais capacitação e pós-graduação na área, considerando que a pedagogia hospitalar foi tratada de forma superficial na academia.

Os resultados demonstram ser de fundamental importância a presença do pedagogo na classe hospitalar, tendo em vista que este profissional atua como mediador no processo de ensino e aprendizagem da criança ou adolescente hospitalizado, no entanto, os entrevistados ressaltam que é preciso estar preparado para exercer essa função.

REFERÊNCIAS

- ADRIÃO, T.; OLIVEIRA, R. P. de (orgs.). **Gestão, financiamento e direito à educação**: análise da LDB e da Constituição Federal. São Paulo: Xamã, 2001.
- AMARAL, D.P.; SILVA, M.T.P. **Formação e prática pedagógica em classes hospitalares: respeitando a cidadania de crianças e jovens enfermos**. s/d. Disponível em: <<http://www.malhaatlantica.pt/ecae-c/daniela.htm>>. Acesso em: 15 jan 2020.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3 ed. rev e ampl. SP: Moderna, 2006.
- AROUCA, S. **O Dilema Preventivista. Contribuição para a compreensão e crítica da medicina preventiva**. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.
- BARROS, Alessandra Santana Soares e. Contribuições da educação profissional em saúde à formação para o trabalho em classe hospitalares. In: **Educação da Criança Hospitalizada: as várias faces da pedagogia no contexto hospitalar**. Campinas, Caderno CEDES, v. 27, n. 73. set./dez. 2007.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. Conexão paradigmática da saúde e educação. In: MATOS, Elizete L. Moreira; TORRES, Patrícia L. (orgs). **Teoria e prática na pedagogia Hospitalar: novos cenários, novos desafios**. 2. Ed. rev. e ampl. Curitiba: Champagnar, 2011.
- BIESDORF, Roseane Kloh. O papel da educação formal e informal. Educação na escola e na sociedade. **Revista eletrônica de Pedagogia do Campus Jatai**. UFG., nº10. 2011.
- BRAGA, Denise Silva; MENDES, Michelle Marques; QUEIROZ, Cristiany Moraes de. **Pedagogia hospitalar: a inserção do educador no ambiente escolar com crianças e adolescentes portadores do câncer**. s/d. 2007.
- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 05/10/1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 fev de 2020.
- _____. **Decreto nº 6.286**. Institui o Programa Saúde na Escola – PSE. Ministério da Educação - MEC; Ministério Da Saúde – MS. Brasília, 5 de dezembro de 2007.
- _____. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018.
- _____. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília, DF: Ed. MEC/SEESP, 2002. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000423.pdf>. Acesso em 23 jan de 2020.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para educação especial na educação básica**. Secretaria de Educação Especial – SEESP, 2001.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **O que é vida saudável: álbum seriado**. Brasília, 2008. (Série F. Comunicação e Educação em Saúde).

_____. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/ SEESP, 2001.

_____. **Política Nacional de Promoção a Saúde**. 2006

_____. **Programa de Saúde na Escola**. 2007.

_____. **Resolução CNE/CP Nº 1**, Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, Licenciatura. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1, p. 11. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em: 20 fev. 2020.

_____. **Resolução CNE/CP Nº 2**, Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica – BNC. Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno, 20 de dezembro de 2019.

BRESSAN, Aline. **O que a escola tem a ver com a saúde e educação**. Ano XVIII. Agosto 2008.

BRUNO, Ana. Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos. **Mediações** – Revista OnLine da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Vol. 2 – n.º 2 – 2014. 16 p.

BUSS, Paulo Marchiori; FILHO, Alberto Pellegrini. A Saúde e seus Determinantes Sociais. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 17(1):77-93, 2007

CECCIM, Ricardo Bug. Classe hospitalar: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar. **Revista Pedagógica Pátio**, n.10, p.41-44. Disponível em: <http://www.cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/84/classehospitalarceccimpatio.pdf>. Acesso em 14 jan de 2020

CUNHA, Nyelse Helena Silva. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. São Paulo: Maltese, 1994.

FONTES, Rejane de S. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 29, p. 119-138, maio/ago., 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/m201a10pdf.b> . Acesso em: 10 fev 2020.

FONSECA, E. S. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2003.

FRANCO, M. A. R. S. **Pedagogia como ciência da educação**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. Editora EGA, 1996.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Cortez, 2006

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnica de Pesquisa Social**. São Paulo: Ed. ATLAS S.A, 2008

LIBANEO, José Carlos. Pedagogia e Pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Editora da UFPR Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>. Acesso em: 20 jan 2020.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MATOS, E. L. M.; MUGIATTI, M. T. F Pedagogia Hospitalar: uma possibilidade a mais. **Revista Eletrônica Facinter**. Curitiba, nov. 2004. Disponível em: <http://www.facinter.br/revista/um,ero15/index.php?pag=artigosdeopinioao5> . Acesso em: 14 jan de 2020.

MUTTI, M. C. S. **Pedagogia Hospitalar e formação docente: a arte de ensinar, amar e se encantar**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

NUNES, Lauane Baroncelli. **Relação professor-aluno no hospital**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 7, 2007, Curitiba. Anais... Curitiba: Champagnat, 2007. p. 4151-4157.

REIS, I. N. C. Promoção da saúde e reorientação de serviço: a experiência do Centro de Saúde Escola Germano Sinval de Faria. In: ZANCAN, L.; BODSTEIN, R.; MARCONDES, W. B. (orgs.). **Promoção da saúde como caminho para o desenvolvimento local: a experiência em Manguinhos-RJ**. Rio de Janeiro: Abrasco/Fiocruz, 2002, p. 111-157. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci>. Acesso em janeiro de 2020.

RITTMAYER, L.; SILVA, R. P.; IMBROSIO, L. O. Classe hospitalar Jesus: trajetória do jubileu de ouro. In: FONSECA, E. S. (Org.). **Atendimento escolar hospitalar. Anais do I Encontro Nacional sobre Atendimento Escolar: o trabalho pedagógico educacional no ambiente hospitalar; a criança doente também estuda e aprende**. Rio de Janeiro: Gráfica da UERJ, 2001.

SALDANHA, Gilda Maria Maia Martins; SIMOES, Regina Rovigati. Educação escolar hospitalar: o que mostram as pesquisas? **Rev. bras. educ. espec.**. 2013, vol.19, n.3, pp.447-464

SILVA, Carmem Silva Bissalli da. **Curso de Pedagogia no Brasil: história e identidade**. Campinas, SP: Autores associados, 1999.

SILVA, R.; FARAGO, A.C. Pedagogia hospitalar: a atuação do pedagogo em espaços não-formais de educação. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro, p. 167, 2014. Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario.pdf>. Acesso em 20 jan 2020.

SOKOLOWSKI, Maria Teresa. História do Curso de Pedagogia no Brasil. **Comunicações**. Piracicaba. Ano 20.nº 1. p.81-97, 2013.

TOZZETO, Suzana S; ROMANNI, Gisele; Morais. Juliana. **O trabalho do Pedagogo nos espaços educativos não formais**. Universidade Estadual de Ponta Grossa. UEPG, 2011.

SOUSA, Marta Caires de; GUIMARÃES, Ana Paula Miranda; AMANTES, Amanda. A Saúde nos Documentos Curriculares Oficiais para o Ensino de Ciências: da Lei de Diretrizes e Bases da Educação à Base Nacional Comum Curricular. **RBPEC** 19, 129–153, 2019.

SOUZA, Alexsandro da Silva; NASCIMENTO, Pollyanna Cristina Costa; JÚNIOR, Carlos José Costa; SOUSA, Apollo Kennedy Cardoso; CAVALCANTE, Luciana Matias. **A Pedagogia no seu contexto histórico acerca da sua identidade**. Paraíba. 2006.

VASCONCELOS, Sandra M. F. **Intervenção Escolar Em Hospitais Para Crianças Internadas: a formação alternativa re-socializadora**. Anais do I Congresso Internacional de Pedagogia Social, mar. 2006, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo>. Acesso em: 25 jan de 2020.

TOMASINI, Ricardo. O diálogo com estratégia das ações educativas no hospital: o pedagogo hospitalar e alguns saberes e fazeres. **Revista Zona Próxima**, Curitiba, n.8, p. 62-77, dez. 2007.

YOSHIDA, Soraia. Base Nacional Docente: veja o que muda na formação e carreira. **Nova escola**. 2018.

APÊNDICE –
QUESTIONÁRIO/ ROTEIRO DA PESQUISA

Sou a **DARLIANE ARAÚJO DE SOUZA**, acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Itaituba, estado do Pará, estou realizando a pesquisa com o objetivo de *analisar a atuação do pedagogo em ambiente hospitalar, seus desafios, limites e possibilidades a partir da concepção dos acadêmicos de Pedagogia da Faculdade de Itaituba/PA*, para conclusão do Curso de Pedagogia em 2020.1. Agradeço desde já sua colaboração com o estudo.

I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

- a) Idade: _____ anos. b) Sexo: () F () M
- c) Neste século XXI, o que pode ser considerado o maio desafio na atuação do pedagogo?

II. QUESTÕES:

1) Segundo Behrens (2011, p. 41), o pedagogo que atua na área hospitalar convive com os alunos que precisam acreditar em seus potenciais, *“enfrentar as perdas e lutar bravamente com o ‘perigo de fracassar’*. Por isso, *são docentes diferentes, cheios de amor e fraternidade, competentes no ato educativo*”. Então, pergunta-se: **Você acredita que possui perfil para atuar na Pedagogia Hospitalar?**

() SIM () NÃO () EM PARTE

Justifique.

2) A Pedagogia Hospitalar é um dos novos campos em que o pedagogo pode atuar, este pode desenvolver o seu trabalho tanto em hospitais quanto nos domicílios, cujo objetivo é de promover um atendimento pedagógico eficaz, além de reconstruir sua comunicação social ao dar seguimento nos estudos de alunos que estão afastados da escola. Desse modo, pergunta-se: **A área da Pedagogia hospitalar fez parte do currículo de seu curso de Pedagogia?**

() SIM () NÃO () EM PARTE

Justifique.

3) Você acredita ser necessário alguma pós graduação ou outra capacitação para atuar em classe hospitalar?

() SIM () NÃO

Justifique.

4) O pedagogo hospitalar é o mediador do processo de aprendizagem, é o responsável pelas aprendizagens promovidas nos contextos em que atua e, também, responsável por sua aprendizagem. Nesse caso, pergunta-se: **Você se sente preparado/apto atuar em um ambiente hospitalar atuando como professor de crianças e adolescentes enfermos?**

() SIM () NÃO () EM PARTE

Justifique.

5) A área da Pedagogia Hospitalar deveria ser mais explorada e estudada?

() SIM () NÃO

Por quê? _____

6) Você julga importante a atuação do pedagogo em ambiente hospitalar?

() SIM () NÃO () EM PARTE

Por quê? _____

Agradeço a colaboração!